

## ELEIÇÕES DE 2022 E APROXIMAÇÕES ENTRE IDENTIDADE RELIGIOSA E IDENTIDADE POLÍTICA BRASILEIRA: HIPÓTESES E CONSIDERAÇÕES\*

*2022 election and the intersection of religious identity and Brazilian political identity: hypotheses and considerations*

**Vinicius Saragiotto Magalhães do Valle\*\***

<https://orcid.org/0000-0003-1397-9839>

Faculdade Santa Marcelina e Instituto Europeu de Design (IED), Brasil  
vinicius126@gmail.com

Recibido: 7-4-2023  
Aceptado: 7-5-2023

### RESUMO

O artigo pretende, à luz dos acontecimentos ao longo do governo Bolsonaro e, principalmente, das eleições de 2022,

---

\* Este artigo surge do desenvolvimento das reflexões do debate “Os eleitos de Deus e a Eleição Divina”, ocorrido na PUC-SP, no dia 17 de novembro de 2022, organizado pelo grupo GEPP-PUCSP. A íntegra do debate pode ser conferida em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fr23FTI23pg>

\*\* Doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Ciências Sociais pela mesma Universidade (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP). É autor, entre outros trabalhos, de *Entre a Religião e o Lulismo*, publicado pela editora recriar (2019). Atualmente, é professor na Faculdade Santa Marcelina e na pós-graduação no Instituto Europeu de Design (IED).

examinar os entrelaçamentos entre a identidade religiosa evangélica e identidade política e ideológica bolsonarista. A hipótese aqui examinada é a de que, a partir das lideranças políticas do bolsonarismo e de algumas lideranças evangélicas, houve uma tentativa de transformação da identidade evangélica em identidade ideológica bolsonarista. Identificamos essa tentativa a partir da comunicação da campanha de Jair Bolsonaro, bem como a partir dos discursos de lideranças religiosas que se inseriam a partir das lógicas que foram chamadas de “guerra espiritual” e “demonização do adversário”. Além disso, argumentamos que a campanha eleitoral dentro das igrejas tomou, em 2022, uma lógica religiosa. No entanto, identificamos que essa tentativa, apesar de render frutos eleitorais, não fez com que a identidade evangélica se tornasse, também, identidade ideológica bolsonarista.

**PALAVRAS-CHAVE:** evangélicos; identidade religiosa; identidade política; voto religioso

#### ABSTRACT

This article aims to examine the intersections between Evangelical religious identity and Bolsonarist political and ideological identity in light of the events that have taken place during the Bolsonaro government and, mainly, during the 2022 elections. The hypothesis examined here is that, through the political leadership of Bolsonarism and some evangelical leaders, there has been an attempt to transform Evangelical identity into Bolsonarist ideological identity. We identify this attempt through the communication of Jair Bolsonaro's campaign, as well as through the speeches of religious leaders that were inserted into the logic of what has been called "spiritual warfare" and "demonization of the adversary." Additionally, we argue that the electoral campaign within the churches took on a religious logic in 2022. However, we identify that this attempt, despite yielding electoral results, did not

make Evangelical identity also become Bolsonarist ideological identity.

**Keywords:** Evangelicals; Religious identity; Political identity; Religious vote

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir, à luz dos acontecimentos dos últimos anos do governo Jair Messias Bolsonaro e, principalmente, das eleições de 2022, os entrelaçamentos entre a identidade religiosa evangélica e identidade política e ideológica bolsonarista. A hipótese dessa reflexão é que, a partir das lideranças políticas do bolsonarismo e de algumas lideranças evangélicas, houve uma tentativa de transformação da identidade evangélica em identidade ideológica bolsonarista. Antes de prosseguir, é importante sinalizar que não estamos ignorando a heterogeneidade do campo evangélico brasileiro e tratando-o bloco monolítico. No entanto, a despeito da pluralidade de tradições, linhagens, formas de culto, costumes e linhas ideológicas, é inegável que houve uma preponderância significativa, refletida inclusive nos índices eleitorais, da afinidade política entre os evangélicos brasileiros e o bolsonarismo. É a partir dessa preponderância que tecemos nossas reflexões.

A hipótese norteadora do artigo se estrutura a partir de dois pontos: primeiro, a evidente mobilização da identidade religiosa evangélica durante o governo Bolsonaro e, principalmente, as eleições em 2022, nas quais Jair Messias Bolsonaro foi derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva. Considerada a disputa mais apertada da Nova República, Lula obteve 50,9% e Bolsonaro, 49,1% dos votos válidos. Entre os evangélicos, segundo dados da pesquisa Datafolha divulgada na véspera do pleito, os números foram muito distintos: Bolsonaro contou com 69% dos votos válidos e Lula com 31%<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ver <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/datafolha-lula-tem-52-dos-votos-validos-contr-48-de-bolsonaro-na-vespera-da-eleicao.shtml>

Como pretendo desenvolver ao longo do artigo, Bolsonaro não só se aproximou de líderes religiosos como buscou trazer uma face “terrivelmente evangélica” para setores do seu governo. Já na campanha, ele se utilizou de padrões de discurso que buscavam transformar a disputa política em disputa espiritual, demonizar o adversário político e, finalmente, ritualizar seu discurso político.

O segundo elemento sobre o qual fundamentamos nossa hipótese é uma dupla influência dos Estados Unidos, a que as tradições evangélicas norte-americanas exercem sobre as igrejas brasileiras, de um lado, e a que o movimento liderado pelo ex-presidente republicano Donald Trump exerce sobre o bolsonarismo, de outro. Nesse sentido, considerando que há indicações de que as identidades política trumpista e religiosa evangélica estariam convergindo nos Estados Unidos, podemos investigar se há movimento semelhante no Brasil.

## CONCEITO DE IDENTIDADE

Cabe neste ponto refletir sobre o conceito de identidade e como ele influencia a análise aqui proposta. Utilizamos o conceito conforme proposto por Stuart Hall, no seu clássico “Identidade cultural na pós-modernidade” (2006). Hall, para descrever a identidade do sujeito contemporâneo, faz o desenvolvimento histórico da concepção, passando pelo conceito de identidade do sujeito do iluminismo, pelo conceito sociológico de identidade e, por fim, propondo o conceito e as características da identidade na pós-modernidade.

A identidade do sujeito iluminista baseava-se na concepção de um indivíduo completamente unificado. Seu núcleo remetia a um centro interior inaugurado no início da vida do sujeito, e que se desenvolveria ao longo de sua existência, muitas vezes sem mudanças, com uma perspectiva individualista e dotado de habilidades individuais de razão, consciência e ação (Hall, 2006).

Já a concepção de identidade do sujeito sociológico se baseia na ideia de que o núcleo interior do sujeito moderno não é autônomo ou autossuficiente, e sim formado através das relações na sociedade. A identidade desse sujeito interagiria com símbolos, valores e práticas, que formam a cultura. O “eu real” do sujeito ainda está presente em si

mesmo, mas é formado e modificado continuamente pelo diálogo com os mundos culturais exteriores e as outras identidades que esses mundos oferecem (Hall, 2006).

Por fim, a concepção do sujeito pós-moderno apresenta um indivíduo que não possui uma identidade fixa ou permanente, e tampouco uma identidade baseada em uma essência. Nesse caso, a identidade é formada e transformada continuamente em relação aos diálogos com a diversidade cultural que nos rodeia. Essa identidade é definida historicamente, e não biologicamente. Segundo suas palavras:

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

O indivíduo teria, portanto, identidades múltiplas: familiar, escolar, religiosa, política, sexual etc. que se entrelaçam num mesmo período e, ao mesmo tempo, que mudariam ao longo da vida.

Trazendo essa concepção para a análise aqui proposta, consideramos que as identidades religiosas, políticas e ideológicas seriam identidades distintas do sujeito, não convergindo necessariamente no plano individual e, no plano social, exercendo diferentes efeitos. No entanto, o esforço colocado pelas lideranças bolsonaristas e algumas lideranças religiosas seria a de fazê-las equivaler. Ou seja: dizer que o evangélico seria, por definição, um bolsonarista, e vice-versa.

## O CONTEXTO NORTE AMERICANO

A discussão sobre as convergências entre a identidade religiosa evangélica e a identidade política se coloca também na medida em que o campo religioso brasileiro é constantemente comparado ao norte-

americano. Em certo sentido, essa associação implica na constatação de que muito do que acontece no campo religioso evangélico norte-americano é acompanhado pelos grupos evangélicos no Brasil. E qual é a situação que nos faz ter essa preocupação a partir do que olhamos dos nossos companheiros norte-americanos? Há toda uma literatura que aborda o chamado BibleBelt nos Estados Unidos (Dochuk, 2010) e, de forma mais ampla, a relação dos evangélicos norte-americanos com a política (ultra)conservadora do Partido Republicano (Bean, 2014; Steensland, 2014). Recentemente, o trumpismo trouxe novos ingredientes a essa relação, realçando o conservadorismo, acrescentando elementos salvacionistas e teorias da conspiração, o que já vem aparecendo em estudos recentes (Cronin, 2022; Margolis, 2020).

No último ano, foi publicada uma reportagem do jornalista T. Alberta, tratando sobre Trump e os evangélicos, na revista *The Atlantic* (Alberta, 2022). O repórter, Alberta, que é filho de um pastor pentecostal dos Estados Unidos, passou meses frequentando igrejas, conversando com pastores e participando de cultos. Na reportagem, ele descreve o que chamo de convergência entre a identidade evangélica e a identidade trumpista. Essa convergência se daria em tal nível que, segundo Alberta (2022), trumpistas que não vão à Igreja e que não têm uma vivência religiosa, se auto classificam enquanto evangélicos, por serem trumpistas. De forma semelhante, evangélicos com pouca relação com a política, também se afirmam trumpistas por serem evangélicos.

Um outro aspecto verificado por Alberta (2022) é o declínio das igrejas tradicionais, que possuem uma posição conservadora e republicana, e o crescimento de igrejas novas que assumem uma posição muito mais e extremista do que as igrejas tradicionais. Estamos falando das igrejas tradicionais que já eram consideradas do campo político e ideológico trumpista, republicano de direita. Como uma consequência dessa radicalização do discurso, segundo Alberta, os pastores das igrejas tradicionais tiveram que incorporar elementos discursivos mais extremistas para manter os fiéis que estavam migrando para as igrejas novas, mais radicais.

Esse grupo de igrejas novas e mais extremistas constroem seu discurso, segundo Alberta, principalmente a partir de teorias da conspiração. Algumas delas seriam: que Trump venceu eleição; que o

Corona Virus foi uma invenção da ditadura chinesa; que as vacinas contra Covid-19 não deveriam ser tomadas. Junto a essas teorias, acusações contra a esquerda e promessas de um novo mundo quando os cristãos finalmente dominarem os Estados Unidos.

Tendo em vista, portanto, a influência que o campo religioso evangélico norte-americano exerce sobre o brasileiro, a hipótese de que os mesmos elementos e discursos presentes nos Estados Unidos sejam reproduzidos por lideranças no Brasil, e isso gera um fenômeno semelhante de conjunção entre identidade religiosa e identidade política deve ser considerada. A questão ganha mais plausibilidade quando percebemos que, conforme aponta a pesquisadora Magali Cunha, durante o governo Trump – e utilizando das conexões com governo americano - uma série de grupos fundamentalistas norte-americanos se inseriram e estabeleceram relações no Brasil (Cunha, 2021).

Vale dizer que os setores evangélicos norte americanos encontram no Brasil um ambiente já predisposto à inclinação antipetista e de direita. Analisando os dados das pesquisas eleitorais de junho até final de setembro, escrevi um artigo no boletim Lua Nova, argumentando que os evangélicos, ainda que enquanto grupo heterogêneo e que abriga diferenças e pluralidades, a despeito das diferenças internas, manifestam e se tornaram o grupo social que mais define e constitui o antipetismo do Brasil (VALLE, 2022). Segundo argumento, o antipetismo que era, desde 2006, canalizado, principalmente, pelas camadas médias urbanas, conforme estudos do cientista político André Singer (2012), passa por mudanças e a passa ter como linha de frente não mais as classes médias, mas sim os evangélicos.

## AS MUDANÇAS DA CAMPANHA ELEITORAL DE 2022

Durante a campanha de 2022, assistimos a uma série de acontecimentos que indicam que, ao menos por parte das lideranças evangélicas do campo pentecostal, houve uma tentativa de transformar a identidade religiosa evangélica em uma identidade política que se auto classifica como de direita, e que vê o campo político da esquerda enquanto inimigo. Em alguns casos, de forma mais específica, se tentou

convergir a identidade religiosa evangélica para a identidade política bolsonarista. Procurarei mostrar que uma série de aspectos formais e qualitativos passaram por mudanças ao longo da campanha de 2022, alterando a qualificação das relações entre religião e política no país. A saber, eles são: a campanha ficou mais longa; as igrejas foram direcionadas a campanha para a busca por votos para o executivo; foi utilizado o discurso de que a eleição era uma guerra espiritual, dialogando com aspectos doutrinários da escatologia; o artifício da demonização do outro foi utilizado; os discursos políticos saíram “apartes” dos cultos e se tornaram pregação ritualizada em corporalidade, entonação rituais e glossolalia.

## DINÂMICA INTENSA E PESO NO EXECUTIVO

Um primeiro ponto que merece consideração é que a própria forma de fazer campanhas nas igrejas foi modificada. A mobilização eleitoral, a organização política e a condução de campanhas já existiam no campo religioso evangélico desde a redemocratização. Ainda em 1986, Josué Sylvestre, membro de uma Assembleia de Deus, no livro *Irmão vota em Irmão (1986)*, em tom de manifesto, defende a importância de os evangélicos discutirem e participarem da Constituinte. O livro já é escrito, nesse período, construindo a categoria “evangélico” em oposição aos setores progressistas de sua época:

A Igreja Romana, os Comunistas, os heréticos adeptos do Rev. Moon, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, todos estão atívisimos em função da Constituinte. E nós, evangélicos, vamos ficar de braços cruzados? (SYLVESTRE, 1986, p. 106).

Posteriormente, a ação política dos evangélicos foi acompanhada por especialistas durante todo o período. Tanto em termos municipais (destaque para Machado, 2006) quanto federais (destaque para Almeida, 2017; Bohn, 2004; Freston, 2003; Pierucci, 1989, 1992, 1995; entre outros).

Não é, portanto, a existência da política entre o setor, tampouco seu caráter majoritário de política conservadora, anti-movimentos sociais, antipetista e anticomunista, tampouco a prática de



campanha eleitoral no interior dos templos que são novos ou chamam a atenção. A mudança se dá na forma de fazer campanha e de mobilizar a identidade religiosa.

Acompanhando de perto as campanhas eleitorais entre 2011 a 2017, se concentrando principalmente em uma Assembleia de Deus, em templo da zona sul de São Paulo, mas também comparando com outras igrejas, encontramos campanhas políticas que tinham como ênfase as eleições legislativas, ou seja, a eleição dos quadros das próprias instituições para as câmaras legislativas, seja a Câmara Municipal, a Assembleia Legislativa, ou Câmara dos Deputados. (VALLE, 2019).

Ao longo dessa pesquisa, conferimos que o discurso de apoio aos candidatos ao Executivo que a Igreja oficialmente apoiava era feito, nos templos de periferia, de forma muito mais atenuada. Na zona sul de São Paulo, como a região conta com uma presença importante do PT, e como estamos falando de uma classe social que foi beneficiária de políticas públicas importantes ao longo dos governos petistas, os pastores, eles mediavam o discurso antipetista reduzindo seu conteúdo e ênfase. (VALLE, 2013, 2019)

Era muito diferente assistir a um culto na Igreja sede do Ministério Belém da Assembleia de Deus, em que o pastor José Wellington Bezerra da Costa, até então presidente do ministério Belém e da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), discursava sobre eleições e o culto dos templos de periferia, que era muito mais tímida a indicação para os quadros do Executivo. Na sede do ministério, o pastor José Wellington Bezerra da Costa era mais contundente nas críticas aos candidatos e governos do PT, defendendo os candidatos apoiados pela igreja para o executivo, ainda que com menos ênfase do que os candidatos defendidos pela igreja para o legislativo, que eram da própria instituição. Enquanto isso, nos templos de periferia, os candidatos apoiados pela Igreja ao executivo era defendidos de forma tímida, sem constar críticas aos candidatos e governos do PT nos discursos, enquanto os candidatos defendidos para as eleições legislativas continham a mesma ênfase do que na igreja sede.

Essa dinâmica mudou. Desde 2018, a campanha por candidatos ao executivo vinha ganhando força, inclusive nos templos de periferias.

Igrejas que não possuíam uma relação próxima com a política, inclusive denominações históricas que tiveram certa proximidade com correntes de esquerda no passado.

Em 2022, essa orientação para o executivo aumentou e, além disso, vimos uma campanha mais longa que as demais. Entre 2011 e 2017, acompanhamos a discussão política acontecer semanas antes dos pleitos eleitorais. Em 2022, a campanha começou com alta intensidade já a partir de março<sup>2</sup>. Foram sete meses de campanha intensa nas igrejas e, diferentemente de outros pleitos, em que a questão religiosa foi tratada sem a devida cobertura da imprensa, em 2022 o assunto se tornou um dos mais discutidos da campanha<sup>3</sup>.

## RELIGIÃO INCORPORA DISCURSO POLÍTICO

Além disso, um aspecto a ser considerado é que um dos poucos elementos de separação entre o discurso religioso e o eleitoral dentro dos cultos foi interrompido. Em todos os discursos acompanhados nas campanhas ao longo do período de pesquisa de campo sistemática entre 2011 e 2017, bem como no período posterior, em 2018, os discursos e indicações de apoio eleitoral eram feitas em uma espécie de aparte do culto.

Em meio ao culto regular, com os mesmos hinos cantados de outros períodos e a mesma dinâmica de espaços em que diferentes pastores pregava a palavra bíblica, ao final do culto, havia um momento em que os pastores pediam licença para repassar aos fiéis as orientações políticas do ministério. Assim, por exemplo, antes do culto caminhar para o encerramento, o pastor pedia um aparte:

---

<sup>2</sup> Um marco do início da campanha das igrejas se deu após a reunião de Bolsonaro com pastores em sua residência oficial dia 8 de março. A reunião foi noticiada, entre outros veículos, pelo G1: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/03/08/bolsonaro-reune-evangelicos-ministros-e-deputados-em-ato-politico-no-palacio-da-alvorada.ghtml>

<sup>3</sup> A especialista em marketing político e presidente do instituto de pesquisa Ideia, Cila Schumann, chegou a afirmar que a religião seria a pauta que estaria tomando conta da campanha: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/religiao-e-pauta-paralela-que-esta-tomando-conta-da-campanha-diz-especialista/>

Agora eu quero conversar com vocês sobre política, dizer a posição da nossa igreja nessas eleições, quem são os candidatos que estamos apoiando pra defender as nossas posições nos governos.

Em 2022, em boa parte dos cultos, a discussão eleitoral se deu sem esse aparte, ou seja, sem a interrupção da dinâmica regular do culto para a introdução do assunto eleitoral. Em certas ocasiões, inclusive, o assunto eleitoral foi traduzido a partir do discurso religioso. Um dos artifícios utilizados para isso foi a transposição da disputa política em uma disputa espiritual, do bem contra o mal. Em alguns episódios veiculados pela imprensa, Michelle Bolsonaro falava em cultos – gerando vídeos que, editados, compunham também material de campanha compartilhado nos grupos de WhatsApp, Telegram e nas redes sociais – que a eleição não se tratava de uma disputa política mas sim de uma guerra do bem contra o mal<sup>4</sup>.

Nesses casos, mais do que transpor a linguagem secular da política para uma linguagem religiosa, há também um diálogo com elementos teológicos que estão presentes na formação e em cultos evangélicos de diferentes denominações. Nos estudos da chamada escatologia, em que a questão do final dos tempos é discutida, há doutrinas, em igrejas tais como como Assembleia de Deus, que postulam que o mundo viverá anos de turbulência em que o bem lutará contra o mal, com desastres naturais, econômicos e sociais, para posteriormente a Terra viver um período de prosperidade. Ao trazer o elemento religioso de disputa espiritual para a eleição, Michele Bolsonaro mais do que subverter a linguagem secular, está trazendo a política para uma temática comum ao evangélico – de que o mundo estaria passando pelo final dos tempos, e estar ao lado das forças do bem seria fundamental para a salvação<sup>5</sup>. Algo na mesma linha, porém com menos ênfase, ocorreu quando a campanha bolsonarista tentou

---

<sup>4</sup> Um desses casos foi noticiado pelo jornal O globo: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/em-evento-de-campanha-michelle-bolsonaro-trata-eleicoes-como-guerra-espiritual-e-damares-diz-que-igrejas-ainda-flertam-com-o-cao.ghtml>. Outro pode ser conferido no Youtube no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Gx7bokawzEU>

<sup>5</sup> Ver Da Silva, 2015

igualar a figura de Lula ou o campo político da esquerda à figura do próprio demônio<sup>6</sup>.

Um aspecto que salta aos olhos nas visitas de Damares Alves e Michele Bolsonaro junto à família nos cultos ao longo da campanha é o uso da corporalidade da entonação e da glossolalia nos seus discursos. Ambas, utilizam elementos verbais e não verbais para pedirem por votos de uma forma religiosa. É importante ter em mente que, em termos religiosos, os aspectos rituais trazem um sentido e uma força próprios, fazendo diferença na mensagem emitida e na sua legitimidade. Em um contexto religioso que há a incorporação espiritual, por exemplo, é diferente um discurso do *médium* ao final da celebração e o discurso do *médium* enquanto está incorporado. Da mesma forma, em uma igreja evangélica pentecostal, é diferente uma fala política feita em um aparte do culto, de uma fala política feita no momento da pregação da palavra, por um fiel que manifesta episódios de glossolalia. Neste caso, é como se fosse a indicação política do próprio espírito santo. Ao misturar pedidos de votos em igrejas, com pregações, com interjeições clamando pelo Senhor e por episódios de glossolalia, Michelle mais uma vez, cruza a fronteira, que já era tênue, entre religião e política.

## EFEITOS E CONSEQUÊNCIAS

Após todos esses recursos utilizados na campanha eleitoral, segundo dados do Datafolha da véspera das eleições, Bolsonaro teve 69% dos votos válidos e Lula 31%. O número é exatamente o mesmo das eleições de 2018. Esse é um resultado surpreendente em termos quantitativos, já que traz uma diferença significativa entre a preferência por Bolsonaro e Lula. Ao mesmo tempo, considerando que a campanha religiosa pelo campo bolsonarista foi intensa e não houve ganho de proporção entre Bolsonaro, apoiado pelas igrejas, e seu adversário, o sucesso da campanha pode ser relativizado. O resultado mostra que, na verdade, com todos os esforços por parte de lideranças religiosas e do

---

<sup>6</sup> Ver <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/diabo-surge-como-figura-recorrente-na-primeira-semana-da-eleicao-presidencial.ghtml>

próprio ex-presidente e sua família, há 31% de evangélicos que se negaram a ceder ao campo bolsonarista.

Com a derrota de Bolsonaro, imediatamente, lideranças evangélicas com discursos duros contra a figura de Lula, o PT e o campo da esquerda, no geral – tais como Silas Malafaia e Edir Macedo – abaixaram o tom de enfrentamento e chegaram a dizer que a vitória do líder petista teria sido a “vontade de Deus”<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo que tais declarações geram um arrefecimento na situação de embate posta anteriormente, elas também geraram críticas entre o próprio público evangélico, ao menos no ambiente das redes sociais. Nos seus perfis pessoais, bem como em perfis de portais especializados em evangélicos, era possível ver um conjunto de comentários reativos aos gestos de tentativa de pacificação. Afinal, depois de discursos de que o PT seria a representação do mal; de que seria impossível ser de esquerda e ser cristão, de que uma batalha espiritual importante estava se dando no Brasil durante as eleições, etc. seria natural que os fiéis resistiriam a uma mudança tão brusca de discurso. Identificar se esse comportamento perdurará ou se os fiéis evangélicos se acomodarão vendo seus representantes se aproximarem do governo foge do escopo deste artigo, mas é um dos elementos que pode determinar a postura ideológica do grupo nos próximos anos.

Um dos efeitos que também deixaram marcas e que deve ser acompanhado nos próximos anos é a apreensão das categorias de direita e esquerda pelos públicos evangélicos. Anos atrás, eram categorias que não apareciam na visão de mundo das classes populares de forma sistemática e estruturada. Singer (1999) já mostrava, nos anos 1990, que uma parcela da população considerável não era capaz de se orientar no espectro direita e esquerda. Segundo Singer, uma parcela maior da população podia se localizar e se orientar por tais categorias, mas o fazia de forma pouco estruturada. Podemos dizer que, no debate público, eram categorias de presentes entre os analistas no jornalismo e na academia. Agora, são categorias presentes mesmo nas igrejas pequenas das periferias. E, para além dessa presença, conforme discutimos, o campo da esquerda foi associado pelas igrejas ao

---

<sup>7</sup> <https://www.opovo.com.br/eleicoes-2022/2022/11/03/antes-criticos-edir-macedo-e-malafaia-acenam-a-lula-ganhou-segundo-a-vontade-de-deus.html>

demônio. As consequências desse fato devem ser acompanhadas nos próximos anos.

Em 8 de janeiro de 2023, na tentativa de golpe que culminou na invasão das sedes dos poderes da República, a presença evangélica era marcante. A rede BBC Brasil realizou um documentário<sup>8</sup> sobre a influência religiosa nesses atos, e outras fontes jornalísticas também ressaltaram a influência evangélica no evento<sup>9</sup>. Nas primeiras pesquisas de avaliação de governo, Lula é pior avaliado entre evangélicos. Na pesquisa IPEC divulgada dia 9 de março de 2023, entre os evangélicos, 31% avaliam a gestão petista como boa ou ótima, 32% os que a veem como regular, e 32% os que a classificam como ruim ou péssima. Os números são piores do que entre a população geral, em que 41% dos brasileiros classificam a administração de Lula como boa ou ótima. Outros 24% dizem que ela é ruim ou péssima, enquanto 30% consideram o início do governo regular. Já no primeiro Datafolha, divulgado dia 1 de abril de 2023, na população geral, o governo Lula tem aprovação de 38% e reprovação de 29%, enquanto que entre os evangélicos só 28% entre evangélicos aprovam o governo.

Outro ponto a ser levado em consideração é que a bancada evangélica eleita em 2022 foi significativamente menor do que o esperado por líderes evangélicos. Segundo dados do monitoramento de candidaturas com identidade religiosa feito pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), foram 93 parlamentares vinculados a igrejas evangélicas eleitos. O deputado evangélico Sóstenes Cavalcanti, segundo reportagem do jornal Metrôpoles<sup>10</sup> de 2022, disse que os evangélicos estimavam eleger 30% da câmara e do senado, o equivalente a 154 deputados. Mesmo considerando a Frente Parlamentar Evangélica, que é uma frente que reúne, além dos

<sup>8</sup> Ver <https://www.youtube.com/watch?v=QVLYafGRvA4>

<sup>9</sup> Ver <https://diplomatique.org.br/os-evangelicos-e-o-apoio-ao-terrorismo-serao-responsabilizados/> e <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2023/03/15/igrejas-financiaram-onibus-e-organizaram-caravanas-para-8-de-janeiro-diz-relato-de-bolsonaristas.html>

<sup>10</sup> <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/com-117-deputados-bancada-evangelica-espera-chegar-a-154-na-camara>

declarados evangélicos, simpatizantes que defendem pautas religiosas e conservadoras, o número de deputados é somente 132. E por que que isso aconteceu? Uma boa hipótese é que houve uma ênfase maior na eleição do próprio Bolsonaro que dos quadros religiosos do Legislativo. Mas outro aspecto interessante é que o bolsonarismo tornou a importância da bancada evangélica menor. Porque não é preciso ser evangélico para defender as pautas conservadoras - O “bolsonarismo raiz” já incorporou essa política. De certa forma, portanto, o bolsonarismo ocupa o lugar da própria bancada evangélica.

As ações da bancada evangélica ao longo do governo Lula podem, entretanto, trazer mudanças importantes para a política evangélica. O governo, como fonte de recursos, traz incentivo para alianças e aproximações. Uma aliança com o governo Lula pode ser impactante para os grupos evangélicos. Por outro lado, caso a bancada evangélica atue como bancada de oposição ao governo, a polarização entre evangélicos e esquerda e entre evangélicos e o PT pode se acentuar ainda mais.

Voltando para a questão norteadora do artigo, se a identidade religiosa foi convertida em identidade política, a análise preliminar e exploratória aqui engendrada mostra sinais díspares, mas já capazes de certos apontamentos. Conforme mostra o apoio evangélico aos atos de 8 de janeiro e os índices distintos de aprovação ao governo Lula entre os evangélicos e a população geral, temos indicações que uma parcela dos evangélicos compreendem sua fé nos moldes formulados pelo bolsonarismo. Nesse sentido, há indicações que essa parcela evangélica teria aproximado sua identidade religiosa da identidade política bolsonarista. No entanto, olhando para o conjunto dos evangélicos vemos que equivalência entre a categoria de evangélicos e a categoria de bolsonarista, ou mesmo a categoria de direita, está longe de acontecer. Em outras palavras, estamos longe do quadro desenhado por Timothy Alberta sobre os Estados Unidos.

## REFERÊNCIAS

- Alberta, Tim (2022). How Politics Poisoned the Evangelical Church. *The Atlantic*,10.
- Almeida, Ronaldo de. (2017). A onda quebrada-evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, 50.
- Alves, J. E. (2018), O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro José Eustáquio. *Ecodebate* [online]. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/10/31/o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>.
- Bean, Lydia (2014). *The politics of evangelical identity*. Princeton University Press.
- Bohn, S. (2004). Evangélicos no Brasil: Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. *Opinião Pública*, 10 (2): 288-338.
- Cronin, Christopher (2022). Endless Love: Evangelical Voters, the Republican Party, and Donald Trump. In *The 2020 Presidential Election: Key Issues and Regional Dynamics* (p. 113-129). Palgrave Macmillan.
- Cunha, Magali Nascimento (2021) “Pelo governo de Deus”: a inserção de novos movimentos fundamentalistas estadunidenses na arena política do Brasil durante o governo Trump. *CienciasSociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 23.
- Da Silva, Jairo Rivaldo (2015). O Discurso sobre a Expectativa do Fim do Mundo nas Religiões Evangélicas Pentecostais e as suas Consequências para a Sociedade Contemporânea. *Revista Diálogos-UPE. Garanhuns*,13: 142-155.
- Dias, Bruno (2022). Diabo surge como figura recorrente na primeira semana da eleição presidencial. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/diabo-surge-como-figura-recorrente-na-primeira-semana-da-eleicao-presidencial.ghtml>. Acesso em: 1 abr. 2023.



- Dochuk, Darren (2010). *From Bible Belt to Sunbelt: Plain-folk religion, grassroots politics, and the rise of evangelical conservatism*. WW Norton & company.
- Guimarães, Guilherme Amado (2022) Com 117 deputados, bancada evangélica espera chegar a 154 na Câmara. *Metrópoles*. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/colunas/guilherme-amado/com-117-deputados-bancada-evangelica-espera-chegar-a-154-na-camara>. Acesso em: 1 abr. 2023.
- Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A.
- Machado, Maria das Dores Campos (2006). *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. FGV Editora.
- Margolis, Michele F. (2020). Who wants to make America great again? Understanding evangelical support for Donald Trump. *Politics and Religion*, 13 (1): 89-118.
- Martins, Rebeca (2022). Os evangélicos e o apoio ao terrorismo serão responsabilizados? *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-evangelicos-e-o-apoio-ao-terrorismo-serao-responsabilizados/>. Acesso em: 1 abr. 2023.
- O Globo (2023) Em evento de campanha, Michelle Bolsonaro trata eleições como guerra espiritual e Damares diz que igrejas ainda flertam com o cão. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/em-evento-de-campanha-michelle-bolsonaro-trata-eleicoes-como-guerra-espiritual-e-damares-diz-que-igrejas-ainda-flertam-com-o-cao.gh.html>. Acesso em: 1 abr. 2023.
- O Globo (2023). Igrejas financiaram ônibus e organizaram caravanas para 8 de janeiro, diz relato de bolsonaristas. *O Globo*. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2023/03/15/igrejas-financiaram-onibus-e-organizaram-caravanas-para-8-de-janeiro-diz-relato-de-bolsonaristas.html>. Acesso em: 1 abr. 2023.

- O Globo. Pesquisa Ipec (2023) Lula tem aprovação mais baixa entre evangélicos, que confiam menos no presidente. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2023/03/pesquisa-ipecc-lula-tem-aprovacao-mais-baixa-entre-evangelicos-que-confiam-menos-no-presidente.ghtml>. Acesso em: 1 abr. 2023.
- Pacheco, Mariana (2022). Religião é pauta paralela que está tomando conta da campanha, diz especialista. *CNN Brasil*. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/religiao-e-pauta>
- Pierucci, A. F. O. (1989). Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na constituinte. *Ciências Sociais Hoje*, 11: 104-32.
- Pierucci, A. F. O.; Prandi, J. R. (1995). Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. *Opinião Pública*,3(1): 20-43.
- Pierucci, A. F. O; Mariano, R. O (1992). Envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos – CEBRAP*, 34: 92-106.
- Singer, André (1999). *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994*. Edusp.
- Singer, André (2012). *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. Editora Companhia das Letras.
- Steenland, Brian; Wright, Eric L. (2014) American Evangelicals and conservative politics: Past, present, and future. *Social Compass*, 8 (6): 705-717.